

O NOVO LIVRO¹

Flávio Gomes, Livia Brisolla e Sandra Paro²

Resumo:

A história do livro: seu passado, presente e futuro, e implicações na sociedade atual são alguns dos temas tratados no presente artigo. Abordamos ainda, as novas tecnologias em função da versatilidade na leitura e suas possíveis implicações no ato de ler. Apresentamos um panorama atual da leitura no Brasil e de como o “novo livro” é recebido nessa sociedade.

Palavras-chave: Livro, história, tecnologia, leitura, Brasil.

Key-words: Book, history, technology, read, Brazil.

O Livro, Conceito e História

Poderíamos começar esse artigo questionando o lugar do livro nas sociedades, desde as eras mais remotas, mas o que faremos é traçar uma panorâmica sobre o seu desenvolvimento para então falarmos de sua situação no mercado atualmente, onde temos questões polêmicas abordadas por educadores e até pelas empresas sobre o destino do livro como objeto. Teria a *internet* substituído de vez o livro tal como o conhecemos, com orelhas, folhas de rosto, capa, entre outros? Em época de sustentabilidade, a cultura do papel chegara ao fim? O livro, códice de papel, já foi também uma tecnologia que suplantou outras? O que o futuro reserva?

A palavra “livro” deriva da latina *liber*, significava provavelmente o córtice de vegetais de forma laminada. Em sua significação mais genérica, é uma reunião de folhas, em branco, manuscritas ou impressas com a finalidade de transmitir às gerações vivas o conhecimento passado já adquirido, (HOUAISS, 1967, p. 27 – Vol. II).

Antes ou depois de Gutemberg, o livro é objeto de fascínio e pode se dizer que iniciou junto com a escrita essa relação entre o homem e o livro. É claro que o livro não surgiu da maneira como o conhecemos hoje, passou de seu aspecto material por: blocos de argila, madeira, páginas de cera, essas unidas por uma dobradiça. E mais tarde, com a invenção do papiro, enrolados em um cilindro e então, a partir do papiro

¹ Artigo científico desenvolvido para a revista acadêmica da Faculdade Araguaia -

²Os autores são professores nos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo na Faculdade Araguaia. Flávio Gomes é Graduado em Design Gráfico e possui mestrado em Cultura Visual, Livia Brisolla é graduada em Pedagogia e possui mestrado em Cultura Visual, Sandra Paro é graduada em Letras e possui mestrado em Crítica Literária na área de Crítica Textual e Edição de Textos.

a palavra livro foi inventada. Mas, o paio era caro aos egípcios, principalmente por causa das cheias e secas do rio Nilo. Por conta do alto custo cobrado por esse suporte surgiu o pergaminho, feito de peles de animais.

O pergaminho apresentava problemas ao ser usado como rolo, pois a emenda, que era necessária para aumentar o comprimento das folhas, ficava muito grotesca. A solução encontrada para solucionar este inconveniente foi usá-lo dobrado, surgindo assim o códice, sendo que cada número de dobras feito, o produto recebia um nome diferente: ‘dobrado uma vez, o pergaminho tornava-se um fólio; dobrado duas vezes, um in-quarto; dobrado mais uma vez, um in-octavo.’ ” (SEHN *apud* MANGUEL, 1997, p.152).

O pergaminho surgiu entre o terceiro e segundo século a.C e apresentou alguns inconvenientes no seu formato inflexível, por outro lado apresentava vantagens em relação ao papiro. Aprimorados, com material (pele de carneiro e outros animais) os pergaminhos ficaram umectáveis e resistentes ao fogo, mais finos facilitavam a enrolagem ou dobragem e a escrita era feita dos dois lados. Uma vez lavados e lixados eram reutilizados (palimpsesto)³. Desse modo encontrara-se o formato e a estrutura do livro que até hoje utilizamos. Este era o protótipo do livro moderno.

Perceberam então que dobrar o suporte era melhor do que enrolá-lo. Com capa de madeira e com as folhas agrupadas o formato agradava mais aos leitores e facilitava na maneira de guardar: horizontalmente e não verticalmente como fazemos hoje. Com o passar do tempo as capas foram substituídas por outros materiais e ganhavam adornos.

Na Idade Média, com o poder da igreja, o conhecimento tornou-se restrito apenas a alguns nobres e privilegiados, nesta época os monges copistas copiavam inúmeros manuscritos. Aparecem também os textos didáticos, destinados à formação dos religiosos. As capas ficaram mais simples e os livros ganharam formatos e tamanhos diversos. O livro foi ganhando protagonismo como intermediário cultural. As ideias, os projetos de vida, as modas, os costumes, as criações literárias percorreram o espaço e o tempo através dos livros e enredar-se nas mentes, provocando múltiplos efeitos de assimilação, sedução, emoção ou rejeição.

³ Um palimpsesto é uma página *manuscrita*, *pergaminho* ou *li-vro* cujo conteúdo foi apagado (mediante lavagem ou raspagem) e escrito novamente, normalmente nas linhas intermediárias ao primeiro texto ou em sentido transversal.(PARO, 2012, p. 188).

É com Gutenberg que a modernização toma forma, sua criação além de útil e versátil não assustou o consumidor, já que manteve o mesmo formato do livro. (SEHN, 2009). Com o advento da indústria, o livro tornou-se objeto de consumo, produzido em larga escala e acessível a todas as camadas da sociedade. Nos dias atuais, diante de tantas informações, o homem dificilmente consegue assimilar ou mesmo dar-se conta de novos conhecimentos. E os modernos meios de comunicação de massa o ajudam a selecionar e resumir as informações, traduzindo-as para o nível da vida cotidiana.

O homem vem codificando o seu pensamento através de meios gráficos há mais de vinte mil anos, as formas de escrita, há seis mil anos, entretanto a palavra escrita vive atualmente o seu momento de crise. A substituição de uma forma de cultura existente por outra emergente é o principal motivo da crise: a mudança da página escrita (papel) para a tela do computador, o surgimento do hipertexto.⁴ (QUEIROZ, 2005).

Chamada de “Quarta Tela”, sendo as três primeiras: a televisão, o computador pessoal, o telefone celular; o *tablet*⁵ vem revolucionar e tornar incerto o futuro do livro como o conhecemos até então.

Os livros pretendem ser muito mais do que um texto adaptado para um novo formato, como no caso dos textos digitalizados. Os novos livros nascem digitais e como afirma Cristiane Costa em sua reportagem *Admirável Livro Novo*: “(...) podem prescindir da leitura linear, integrar-se à internet, misturar palavra, vídeo, foto, som e animação, e literalmente explodir em 3D nas telas. (COSTA, 2010).

Livro Digital, Eletrônico ou E-book

A popularização dos computadores pessoais levou ao surgimento de sistemas de leitura e armazenamento de dados mais versáteis que o papel. Estes equipamentos, foram utilizados inicialmente para a manipulação de dados financeiros, cálculos

⁴ O hipertexto constitui a base da *Internet*. Em outras palavras, ao acessarmos um *site*, por exemplo, escolhemos o caminho que desejamos seguir e, ao clicar o *mouse* em determinadas frases ou palavras, novos textos nos saltam aos olhos. Esta estrutura textual permite que o leitor, ao escolher a sequência de leituras, seja co-autor do texto. (FASCHINETTO, 2005, p. 03).

⁵ Os *tablets* apresentam uma série de vantagens sobre os dispositivos que apenas exibem textos digitalizados. . “Ele abre uma nova gama de experiências que ultrapassa a da leitura do livro impresso”, afirma o brasileiro Julius Wiedemann, editor-chefe da área de *design* da Taschen, que já testa um programa para simular livros de arte no novo *e-reader*, com direito a multimídia e interatividade. “Vivemos uma mudança radical de paradigma”, acredita. (COSTA, 2010). Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/materia/ipad-admiravel-livro-novo> Acesso em: 06 de março de 2012.

diversos e sistemas contábeis, porém, em 1971, Michael Hart, teve uma ideia de uso diferente para estes equipamentos, ele digitou a Declaração de Independência dos Estados Unidos e disponibilizou o arquivo gratuitamente, surgia ai o primeiro tipo de livro digital. Motivado pela repercussão causada, ele resolveu digitalizar outros livros e disponibilizá-los gratuitamente. (LEBERT, 2012, p. 1)

Este projeto ficou conhecido com o nome de “Projeto Gutemberg e se mantém vivo até hoje, a biblioteca pode ser acessada pelo endereço www.gutenberg.org, e disponibiliza títulos em várias línguas para acesso e download gratuito. (LEBERT, 2012, p. 1)

Quando os primeiros livros digitais surgiram, existiam alguns problemas que dificultavam o uso e viabilidade destes livros, o primeiro grande problema, está relacionado à resolução, os computadores da década de 70 não possuíam telas com resolução satisfatória, a tipografia era limitada pela quantidades de pixels do monitor e o uso de imagens era descartado.

Um outro problema que ameaçou o avanço da tecnologia de produção de livros digitais está associado à dificuldade de acesso ou praticidade de uso destes livros, as pessoas não podiam carregar este tipo de livro para ler em um parque, na cama ou em outro lugar qualquer, os livros só podiam ser lidos no equipamento.

Com o avanço da informática e o surgimento de computadores mais rápidos, com mais memória, menores e principalmente, com monitores melhores, o consumo de livros digitais começou a ganhar força e cresceu o número de títulos. O aumento na produção de distribuição de livros digitais levou a uma série de preocupações, como por exemplo, qual seria o melhor formato de disponibilização destes livros? Como evitar a distribuição sem controle e sem reserva de direitos? Como comercializar estes livros?

Os primeiros livros, eram apenas arquivos de texto, em que o leitor ou usuário tinha acesso livre para cópia e manipulação, logo em seguida foram surgindo outros formatos que já respondiam ou tentavam mostrar um norte às preocupações referentes à distribuição, comercialização, manipulação e autoria destes livros.

Historicamente a produção de livros está vinculada com o mercado editorial e o lucro, a ponto de levar Apple (1986) a afirmar que a “sua função principal foi a de manter e sustentar seus produtores” (p.86). Ele ressalta situações em que editores apenas financiam os títulos que podem dar lucro dentro de um prazo razoável.

Um dos formatos mais populares é o PDF, *Portable document format*, criado pela empresa *Adobe Systems* em 1993, atualmente, existem vários outros formatos, o desenvolvimento de softwares e hardwares específicos para leitura de e-books fez nascer o formato epub, formato de pasta compactada de arquivos xml e css com imagens e possibilidade de links, formatação padronizada e diagramação programada, este formato é o padrão para a maioria dos leitores atuais. (<http://www.adobe.com>, acesso em 13 de março de 2012.)

Um outro formato que ganhou força nos últimos anos foi o formato kindle⁶, inicialmente criado para ser distribuído pela Amazon, este formato hoje possibilita a leitura em vários tipos de dispositivos, a Amazon lançou a primeira versão do Kindle em 2007, e atualmente existem várias versões, mais atuais e versáteis. A grande vantagem deste formato, é a quantidade de títulos disponíveis, a facilidade de leitura em vários equipamentos e a possibilidade de sincronização de leitura, se o usuário começar a ler o livro em seu computador e tiver que parar, quando abrir o livro em seu Kindle ou dispositivo móvel, o sistema irá fazer um sincronismo com a base de dados e com o servidor e atualizar a página para que o leitor continue lendo de onde parou. (<http://www.amazon.com>, acesso em 13 de março de 2012.)

É importante ressaltar o espírito de empreendedorismo da empresa Amazon que apostou na proposta do livro digital e é considerada uma das empresas que mais investiu em pesquisa e criação de tecnologia para o desenvolvimento do “papel digital”, sinônimo usado para definir os equipamentos criados especificamente para a leitura de e-books.

Uma série de outros formatos se juntam à lista dos e-books ou livros digitais, dentre eles podemos citar os livros digitalizados e disponibilizados em forma de imagens, os livros produzidos com a linguagem da internet, html, os livros disponibilizados apenas on-line em ferramentas de leitura instaladas em sites, como flash e java-script, etc.

Em termos gerais, os livros digitais apresentam uma série de características que os diferenciam dos livros analógicos ou convencionais, nos livros digitais existe uma grande facilidade para se encontrar os conteúdos, já que os mesmos estão disponibilizados em listas dinâmicas que podem ser acessadas por hiperlinks, os livros podem apresentar imagens, inclusive em movimento, sem modificar o custo de

⁶ Kindle – Aparelho conhecido também como papel digital, lançado pela Amazon.com em novembro de 2007 que permite a leitura de livros digitais desenvolvidos pela empresa.

produção, quando o usuário não consegue entender um trecho do livro, existe, a possibilidade, do mesmo acessar imediatamente um outro livro, site ou informação que o esclareça o assunto que ficou mal entendido.

As possibilidades de interação que o livro digital pode apresentar ao leitor ou usuário, faz com que a ideia de livros digitais se torne algo maravilhoso, porém, torna-se necessário problematizar as questões ainda não apresentadas aqui, a distribuição maciça e descontrolada de livros digitais entope as lojas virtuais de títulos diversos que nem sempre possuem conteúdo confiável, a falta de um conselho editorial ou mesmo de um editor que possa verificar a autenticidade e clareza dos dados apresentados em cada livro, gera uma série de livros de baixa qualidade disputando espaço na internet com livros de boa qualidade.

Outro ponto a ser refletido é a utilização dos livros digitais no campo educacional. Embora o livro tenha sua importância reconhecida, ainda é visto como um instrumento que professores e alunos se apossam com o objetivo de adquirir o conhecimento ‘verdadeiro’ que ele veicula. Nesse sentido, livro estaria oferecendo ‘segurança’ para o desenvolvimento de propostas de trabalho, ‘garantindo’ a circulação de conteúdos necessários e ‘corretos’ para a aprendizagem?

Liberdade e Anarquia, as Preocupações com o Conteúdo

Atualmente existem várias empresas que fazem a distribuição de livros digitais, na maioria delas, é possível que o autor disponibilize seu livro para venda diretamente, pagando um valor anual ou uma pequena porcentagem sobre o valor de venda do livro. Essa atividade elimina uma série de atravessadores e principalmente o custo de produção gráfica do livro, fazendo com que os títulos tenham um custo muito abaixo do custo de um livro impresso.

Pensando assim, o livro digital liberta o autor que não fica mais refém de uma editora ou de um corpo editorial para lançar sua obra, essa liberdade pode ser encarada como algo bom quando possibilita a publicação de obras não comprometidas com interesses comerciais ou políticos. Por outro lado, essa liberdade e a não vinculação da publicação à um conselho editorial, permite a publicação de todo tipo de conteúdo, inclusive livros com problemas graves de conteúdo ou até mesmo conteúdos preconceituosos ou anti éticos. A falta do filtro de um conselho editorial durante o processo de criação do livro, inunda a internet de

títulos descompromissados e sem referências com relação às informações apresentadas.

A liberdade que a publicação digital trouxe é semelhante à liberdade que a prensa de Gutemberg apresentava para as pessoas que viveram aquele momento. A transição do livro manuscrito, em pergaminho, para o livro impresso, em papel, trazia uma série de preocupações relacionadas à fragilidade do suporte, à banalização do texto, à falta de controle da informação etc. Isso sem tocar nas preocupações tragas pela mudança do formato do rolo para códice que aconteceu por volta do século II Dc., os mais tradicionais insistiram em usar o pergaminho em forma de rolo por muitos anos, parte desta tradição ultrapassou séculos, a pouco tempo atrás ainda era comum a impressão de diplomas e convites em peles de animais.

Não esquecer que as mensagens a que se pretende emprestar a maior solenidade ainda são produzidas em pergaminho sob a forma primitiva de rolo. Também os diplomas universitários, até muito recentemente, eram confeccionados em peles: os ambicionados canudos dos nossos avós. (OLIVEIRA, 1985, p. 86)

As semelhanças não ficam no âmbito dos problemas e preocupações relacionadas à distribuição, o livro digital marca um retorno ao processo de leitura contínua, a página no livro digital não precisa realmente se configurar como uma página, nos modelos do livro impresso, os livros digitais permitem a montagem de páginas rotativas ou capítulos inteiros em uma única página, isso é efetivamente uma mudança no conceito do códice, o processo de leitura rotativa se confunde, em partes, com a proposta de leitura de alguns livros no formato rolo, porém, com a possibilidade de inserção de hiperlinks, imagens, imagens animadas, interações, etc.

A possibilidade de diferentes inserções pode ser entendida como um documento eletrônico composto de unidades textuais interconectados que formam uma rede de estrutura não linear, por meio de links, nos quais o leitor vai criando suas próprias opções e trajetórias de leituras que facilitam a compreensão, dessa forma rompe domínio tradicional de um esquema rígido de leitura imposto pelo autor.

O conceito de hipertexto se amplia para o de hipermídia pela associação entre hipertexto e multimídia. Textos, imagens e sons tornam-se disponíveis à medida que o usuário percorre as ligações existentes entre eles. A WWW é um sistema hipermídia mais conhecido na atualidade. Sua independência de plataforma e a possibilidade de

agregar novos recursos e serviços aos documentos apresentados implicam a facilidade de execução dos vários recursos pedagógicos.

A hipermídia amplia os princípios da escrita eletrônica para o domínio da interação do som e da imagem. Tudo o que se perceber visual ou audiovisualmente pode fazer parte da textura destes documentos digitais que, por sua flexibilidade e por seu dinamismo, farão com que seja cada vez menos nítida a distinção entre escritor e leitor.

O texto eletrônico em formato hipertextual e multimídia oferece um novo meio de leitura e de escrita, em que o usuário pode interagir de maneira mais dinâmica com a informação: escolher entre múltiplas trajetórias e esquemas possíveis de leitura; experimentar o texto como parte de uma rede de conexões navegáveis que oferecem acesso fácil e rápido a outra informação necessária para a compreensão.

Com relação ao formato, alguns softwares de leitura de e-books tentam familiarizar o leitor simulando características do códice como, por exemplo, a capa e a contra capa dos livros, o acesso ao arquivo por meio de uma interface que simula uma estante de livros, a simulação do ato de flipar as páginas quando se passa de uma página para a outra, texturas diferenciadas para representar papéis diferentes, etc.

Uma das mudanças mais significativas, porém, é o que o filósofo Vilém Flusser⁷ chama de “retorno à imagem”, estes livros, os mais recentes, e principalmente as revistas digitais são marcadas pelo uso intenso de imagens, boa parte das informações são apresentadas por meio de infográficos ou animações, o que facilita a leitura e amplia as possibilidades de compreensão do conteúdo.

As imagens técnicas, principalmente os vídeos são também uma forma de documentação mais precisa, apesar do recorte que subjetiva o olhar, o vídeo capta exatamente o que está sendo documentado, para detalhes de livros técnicos ou mesmo históricos, essa objetividade se torna um elemento muito positivo.

Considerações Finais

É inegável a inserção do novo formato de livros na sociedade, já existem várias empresas que trabalham quase que na totalidade com a produção de livros digitais, e as pessoas estão se familiarizando e consumindo cada vez mais este tipo de

⁷ Filosofia da Caixa Preta, Ensaios para uma futura filosofia da fotografia – Vilém Flusser, neste livro o autor faz uma análise sobre a forma como o homem passou da representação por meio de imagens para o texto e a revolução que a imagem técnica trouxe aos dias atuais possibilitando uma volta a representação ou documentação por meio de imagens como fotografias e o cinema.

publicações. A substituição ou não do papel como suporte é uma discussão que não será encerrada aqui, porém merece atenção da sociedade, são mudanças que interferem diretamente na forma de pensar a produção, o manuseio e o descarte dos produtos.

Provavelmente o papel continuará existindo em paralelo a estes novos suportes e talvez estes novos suportes fiquem na história apenas como uma moda passageira. Porém, o livro digital já possui um espaço na sociedade, mesmo que os equipamentos ou hardwares que estão sendo usados para leitura desses livros caiam no esquecimento, o conceito de livros digitais continuará a existir e possivelmente se transformará em outros meios.

O que nos resta é incentivar a discussão do tipo de transformações sociais, econômicas e culturais que a propagação dos livros digitais trazem para a sociedade, assim estaremos aptos a usufruir ou entender o funcionamento destas novas mídias.

Referências:

APPLE, M. **Teachers & Texts**. A Political Economy of Class & Gender Relations in Education. New York: Routledge, 1986.

COSTA, Cristiane. **Admirável Livro Novo**. Revista Bravo, abril, 2010. Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/materia/ipad-admiravel-livro-novo> Acesso em 06 de março de 2012.

FASCHINETTO, Eliane A. **O Hipertexto e as práticas de leitura**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna. Ano 02, n. 03, 2005. [www.letramagna.com].

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta, Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Editora Hucitec. São Paulo, 1985.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967, 2 vol.

LEBERT, Marie. A Short History of Ebooks. Kobo. Acesso em março de 2012.

OLIVEIRA, José Teixeira de. A Fascinante História do Livro Vol. II. Grécia e Roma. Rio de Janeiro. Livraria Kosmos. 1985.

PARO, Sandra. **Crítica Textual em Tutameia-Terceiras Estórias. No Prosseguir, a travessia rítmica**. Curitiba, Editora Prismas, 2012.

QUEIROZ, Rita de C. R. **Informação Escrita: Do manuscrito ao texto virtual**. VI Encontro Nacional de Ciência da Informação – Informação, Conhecimento e

Sociedade Digital, Salvador, BA, 2005. Disponível em:
http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/RitaQueiroz.pdf

SEHN, Thaís C. Martino. **O Livro como objeto de desejo**. Pelotas, RS, 2009.

WANDELLI, Raquel. **Entre pergaminhos humanos e bits eletrônicos – O livro na era do computador**. Disponível em:
<http://escritoriolivro.com.br/leitura/raquel.html>